

AS REGÊNCIAS DOS VERBOS ASSISTIR E NAMORAR NO INTERCÂMBIO SOCIOLINGUÍSTICO ENTRE O PORTUGUÊS DE LUANDA-ANGOLA E O PORTUGUÊS DO BRASIL: PARA UMA COMPREENSÃO DA REALIDADE SOCIOLINGUÍSTICA E SÓCIO-HISTÓRICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

THE VERB'S REGENCIES TO ASSIST AND TO LOVE IN THE SOCIOLINGUISTIC EXCHANGE BETWEEN THE PORTUGUESE OF LUANDA ANGOLA AND THE PORTUGUESE OF BRAZIL: FOR A UNDERSTANDING OF THE SOCIOLINGUISTIC AND SOCIO-HISTORICAL REALITY OF BRAZILIAN PORTUGUESE

Manoel Crispiniano Alves da SILVA¹

Silvana Silva de Farias ARAÚJO²

RESUMO: Com o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), este trabalho teve o objetivo de investigar as semelhanças ou dessemelhanças a respeito do uso variável das regências dos verbos **assistir** e **namorar** no português falado em Luanda-Angola, comparando os resultados alcançados com o uso das regências desses verbos no Português Brasileiro (PB). Esta análise busca trazer subsídios para melhor se entender a formação da realidade sociolinguística brasileira, haja vista que pode lançar novas luzes a respeito da importância do contato linguístico na formação da identidade linguística do português falado no Brasil. Esta pesquisa busca novos campos, fazendo um paralelo entre o PB e as línguas faladas em outras ex-colônias de Portugal, a exemplo de Angola, tentando explicar as peculiaridades e a formação do PB, por meio de estudos das regências em debate. Nesse sentido, esta pesquisa visa preencher uma lacuna, no sentido de não só comparar os dados do PB com os do Português Europeu (PE), mas também com o português falado em outras ex-colônias portuguesas, a exemplo de Angola, visando medir o peso do contato linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Regência Verbal. Português Brasileiro. Português de Luanda.

ABSTRACT: Based on the theoretical-methodological apparatus of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972) this research aimed to investigate similarities or dissimilarities comparing the results achieved with the use of verbal rules on the Brazilian Portuguese (BP). This analysis seeks to provide support for a better understanding about the formation of the Brazilian sociolinguistic reality. This research seeks new fields, doing a parallel between BP and the languages spoken in other former Portuguese colonies, like Angola, attempting to explain some peculiarities and the formation of the BP, through studies of regencies in debate. Thus, this research aims to fill a gap, not only to comparing the data obtained as European Portuguese, but also with the Portuguese spoken in other former Portuguese colonies, as Angola, in order to measure the weight of linguistic contact.

KEYWORDS: Verbal Regency. Brazilian portuguese. Angolan Portuguese.

1. Estudante de Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente, é bolsista de Iniciação Científica - FAPESB. Integra o grupo de pesquisa "Constituição, Variação e Mudança do/no Português Brasileiro". E-mail: Silvamarcelo403@yahoo.com.br

2. Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente, coordena o programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UEFS. E-mail: silvana.uefs.2014@gmail.com

1. Apresentando o tema

A pesquisa Sociolinguística brasileira, durante muito tempo, procurou fazer um estudo comparativo entre o PE e o PB, chegando à conclusão de que PB apresenta características que o distingue do PE, de modo que “[...] um mesmo enunciado pode ter interpretações diferentes no Brasil e em Portugal” (BAGNO, 2001, p.169). Nesse sentido, entendemos que, para melhor compreender essa heterogeneidade linguística do Brasil, necessita-se compará-lo não somente ao PE:

[...] não obstante a importância de pesquisas que contrastem o PB ao PE, julga-se que, para o entendimento sobre a realidade sociolinguística brasileira, é fundamental também a realização de estudos que comparem a variedade brasileira com as faladas em outros continentes que não apenas o europeu. Desse modo, toma-se possível a ampliação do debate sobre a influência do contato linguístico na formação de variedades da língua portuguesa (ARAÚJO, 2016, p. 28).

Na gênese da colonização do Brasil, a sua população era formada pelos portugueses que aportaram no Brasil e os habitantes nativos: os índios. A partir de meados do século XVI, essa realidade começou a mudar com a vinda de africanos escravizados e, como afirma Teixeira (2013), acentuou-se no século seguinte:

Com a chegada dos escravos africanos, que se tornaram um contingente mais numeroso a partir do século XVII, o cenário linguístico do Brasil em especial da Bahia, muda sua configuração: além do português, da língua geral e das diversas línguas indígenas, a colônia foi marcada pela presença de línguas africanas (TEIXEIRA, 2013, p. 148).

Antes da Independência do Brasil, em 1822, Angola parecia mais uma colônia brasileira do que portuguesa. As relações comerciais entre essas ex-colônias se deram de forma expressiva “[...] em virtude da facilidade de navegação, tomaram o lugar dos portugueses na comercialização no que seria a grande fonte de riqueza para luso-brasileiros aventureiros e gananciosos- o tráfico de escravos” (TEIXEIRA, 2013, p. 147).

Desse modo, diante de tal vínculo sócio-histórico entre essas duas nações, “[...] para a compreensão do português brasileiro em geral, uma orientação antiga e tradicional, mas ainda viva que é a de buscar “influências” das línguas africanas no português brasileiro [...]” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 93), para que possa ser medido o peso do contato linguístico entre ambas as nações.

No que tange ao fenômeno linguístico em foco nesta pesquisa, de acordo com Cunha e Cintra (2007), a regência do verbo **assistir** no sentido de **ver, estar presente**, só pode ser regida pela preposição **a**:

Uma longa tradição gramatical ensina que este verbo é Transitivo Indireto no sentido de “estar presente”, “presenciar”. Com tal significado, deve o Objeto Indireto ser encabeçado pela preposição *a*, e, se for expresso por pronome de 3ª pessoa, exigirá a forma *a* ele(s) ou *a* ela(s), e não *lhes*. Assim: “Assistir **a algumas touradas**” (A.F. Schmidt, AP, 175). (CUNHA; CINTRA, 2007, p.534; grifo no original).

Nota-se que há uma convergência entre os compêndios gramaticais em relação à regência em estudo, pois em outra gramática é prescrito que o verbo **assistir** deve ser regido pela preposição *a*: “Sentido de *estar presente a, ser espectador de, presenciar*: “Ataxerxes *assisti a tudo*” (Aníbal M. Machado)” (ROCHA LIMA, 2011, p. 512; grifo no original).

Sobre a regência do verbo **namorar**, é prescrito que, “A regência correta é *namorar alguém* e não *namorar com alguém*: Joaquim namorava a filha do patrão” (CEGALLA, 2008, p.502; grifo no original).

Sabe-se que a prescrição gramatical não tem caráter científico, pois não descreve a língua como ela é de fato e sim como deve ser, pois:

Cabe à gramática normativa, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em situações especiais de convívio social (BECHARA, 2009, p.52).

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo primordial estudar a variação das regências dos verbos **assistir** e **namorar** no português culto (PC) e popular (PP) falado em Luanda, e, conseqüentemente, compará-lo com os resultados obtidos na amostra da comunidade de fala da cidade de Feira de Santana-Bahia. A partir disto, busca-se a partir do fenômeno estudado, investigar as possíveis contribuições africanas e, dessa forma, levantar discussão sobre a formação sócio-histórica do PB.

Dado o exposto, este artigo estrutura-se da seguinte forma: na seção 02, faz-se uma breve descrição da teoria da **Transmissão Linguística Irregular** e sua importância para compreender a singularidade da gramática do PB. Na seção 03, apresenta-se o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, teoria utilizada para elaboração deste trabalho, bem como a descrição dos *corpora* utilizados. Na 04, procura-se socializar os resultados da pesquisa sobre a

variação das regências dos verbos **assistir** e **namorar** na norma culta e popular do Português falado em Luanda-Angola. Na seção 05, apresentam-se os resultados alcançados a respeito da variação das regências em estudo no português culto e não culto feirense. Conclui-se este artigo com as considerações finais.

2. O contato linguístico e a sua implicação na formação do português brasileiro

Conquanto se tenha enfatizado, desde o século XIX, a influência das línguas africanas na formação do português brasileiro, a inexistência de um modelo teórico de análise linguística adequado e, conseqüentemente, de uma metodologia de pesquisa capaz de abranger e controlar fatores extralingüísticos, impossibilitou a condução de pesquisas confiáveis nessa direção.

Atualmente, a hipótese da crioulização prévia do português no Brasil encontra-se desacreditada, estando em seu lugar a hipótese da **Transmissão Linguística Irregular** fruto do contato entre línguas. Foi decisivo para a formulação desta hipótese o entendimento da crioulização como um processo variável (BAKER, 1990, 1991; BICKERTON, 1988, 1989; THOKERTON, 1984, 1988, 1989, 1992).

Nesse contexto, surgiu a hipótese da **transmissão linguística irregular** do português (BAXTER, 1995; LUCCHESI, 2001, 2003, entre outros). Essa hipótese parte da premissa de que adultos que conheciam outras línguas (africanos e indígenas) foram levados a adquirir, em caráter emergencial, a língua de superstrato, o PE, em função de relações comerciais e/ou de sujeição, com indícios de recuperação ou incremento da sua estrutura gramatical, em virtude da expansão funcional em fases posteriores. Assim, a transmissão linguística irregular aqui será tomada nos termos defendidos por Lucchesi (2003), “para designar os processos históricos de contato massivo e prolongado entre línguas, nos quais a língua do segmento, que detém o poder político é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos” (LUCCHESI, 2003, p. 272), sem, contudo, gerar outra língua, mas apenas uma variedade nova da língua-alvo.

3. Aparato teórico-metodológico

Utilizou-se o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, também denominada Sociolinguística Quantitativa, com base nas formulações de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e Labov (2008[1972]). Esse é o modelo adotado em função de ser teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição de uma comunidade de fala numa perspectiva Variacionista.

Para realização desta pesquisa, foram analisados os dados de entrevistas sociolinguísticas do tipo DID (diálogo entre informante e documentador). Esta pesquisa teve como objetivo primordial, analisar se há semelhanças e/ou diferenças entre o PB e o Português de Luanda (PL), no que concerne ao uso variável das regências dos verbos **assistir** e **namorar**. Para isso, foi necessária a análise de dois *corpora* linguísticos: o primeiro, com amostra de vinte e quatro (24) entrevistas gravadas na capital de Angola, Luanda, pertencente ao acervo do projeto de pesquisa “**Em busca das raízes do português brasileiro**” e o segundo com amostras da zona urbana do município de Feira de Santana- BA, que pertence ao acervo do projeto “**A Língua Portuguesa do seminário baiano- Fase III**”. Estes projetos estão sediados no Núcleo de estudos da Língua Portuguesa (NELP) da UEFS.

Com os informantes da primeira amostra, foi feito o controle em relação ao local onde nasceram, isto é, se nasceram na capital ou no interior. Os informantes da segunda amostra são indivíduos nascidos na zona urbana de Feira de Santana e são representantes da vertente popular e culta do PB. Nesse sentido, os informantes foram distribuídos da seguinte forma no que concerne às variáveis sociais:

Sexo	Masculino Feminino
Faixa etária	I- 20 a 30 anos II- 36 a 50 anos III- acima de 52 anos
Escolaridade	Baixa ou nula Superior
Língua Materna	Português Línguas Africanas
Local de nascimento	Capital Interior

Quadro 1 - Variáveis socioculturais consideradas na análise sociolinguística no português de Luanda

Sexo	Masculino Feminino
Faixa etária	I- 25 a 35 anos II- 45 a 55 anos III- acima de 65 anos
Escolaridade	Baixa ou nula Superior

Quadro 2 - Variáveis socioculturais consideradas na análise sociolinguística no português de Feira de Santana-BA

Salienta-se que houve poucas ocorrências com o verbo **assistir**, ao que se atribuiu ao fato desse verbo ser semanticamente igual ao verbo **ver**, gerando a preferência deste em detrimento daquele. Assim, a pesquisa tem um caráter descritivo e não quantitativo, pois não foi possível a utilização do programa Goldvarb (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para a obtenção de pesos relativos.

4. Caracterização Sociolinguística do português falado em Luanda

Para melhor caracterizar sociolinguisticamente Luanda, as 24 entrevistas que compõem o *corpus* foram divididas entre as duas vertentes do português: O PP e o PC, sendo 24 entrevistas do PP e 24 do PC.

4.1. O PP de Luanda

Na Tabela 1, apresentam-se a distribuição das ocorrências da variável da regência do verbo **assistir** no português vernacular luandense ou PP:

Tabela 1: Distribuição da variante relacionada à regência do verbo **assistir** no português popular

	Nº de ocorrências/ total	Porcentagem
Regência padrão	1/11	9,09 %
Regência não padrão	10/ 11	90, 9 %

Pelo exposto, nota-se que a regência não padrão é a preferida pelos falantes com baixa escolaridade ou analfabetos de Luanda, totalizando 90,9% dos dados levantados. Os exemplos (01) a (10) ilustram os dados analisados na fala dos informantes desta pesquisa:

(01) É, eu **Assisto televisão**, mas na minha casa é bem difícil de escutar rádio gosto mais de escutar música. (F1, F, A).³

(02) Gosto **de assistir o jogo**, ver os nossos filhos a jogar e... Eu não sei como explicar. (F3, F, P).

(03) Às vezes que ainda eu vejo telefone, o televisor só vejo de longe, logo assim, assim passageiro. Às vezes só encontra, só **assistem filmes** é bem mais que sabem. Não controla a parte de TPA que aquelas coisas tudo, telejornais que a pessoa **assiste isso** não consegue de apanhar qualquer as coisas nas províncias. (F2,M,A).

3. Os exemplos da amostra apresentam as seguintes variáveis sociais: Faixa etária (F1- 20 a 30 anos, F2- 36 a 50 anos, F3- acima de 52 anos), Sexo (F- feminino/ M-Masculino), Escolaridade: A- Analfabeto (a), P- Curso Primário, S - Superior Completo ou 2º Grau).

(04) Quando tiver cansado de fazer a tarefa então eles ficam assistir o filme em casa. (F2, F, A).

(05) Eu escuto sempre o rádio... televisão, assisto sempre Echos & Factos. A minha rádio preferida é a Rádio Ecléscia. (F1, F, P).

(06) Tou, tou a assitir. Assisto sempre os jogos de Angola. (F1, F, P).

(07) Quer dizer, assisto algumas partes, algumas partes que não assisto. (F2, F, P).

(08) Eu gosto, só que quando assisto televisão hoje em dia já não consigo. As minhas vistas, a minha visão também tá a começar a ficar podre. (F2, F, P).

(09) Eu esse tempo que utilizo pra assisti novela, os tão em casa, num sei quê tal. Se eu não tenho mais tempo pra assistir essa novela. (F2, M, P).

(10) Muitas vezes eu assistia muitos filmes e nós vínhamos aqui na [ININT] do Roque que antigamente aqui era uma [ININT] e nós brincávamos de Cowboy. (F3, M, P).

Houve apenas uma ocorrência na forma padrão, mas pelo contexto, observa-se que a informante foi influenciada pelo entrevistador, ocorreu o chamado “efeito de gatilho”:

(11)

DOC: O que é que a tia utiliza? Assiste a televisão, vê o rádio ou lê os jornais?

INFO: Assisto a televisão. (F3, F, P).

DOC: “E na televisão quais são os programas que a tia gosto de assistir”

INFO: Gosto de assistir o jogo, ver os nossos filhos a jogar e... Eu não sei como explicar.

Vale salientar que houve duas ocorrências com o respectivo verbo, mas não foram incluídas na tabela, pois são dados **duvidosos**, não se sabe se o “a” é preposição, como é prescrita pelos compêndios gramaticais ou é artigo definido exigido pelo substantivo feminino, principalmente porque a “crase” é pouco perceptível na oralidade. Os exemplos (12) e (13) ilustra o que se está afirmando:

(12): Eu faço assim: de manhã, muito cedo, quando acordo... Acordo assim seis horas. Acordo... acordo cinco e meia. Seis horas tinha a missa. Assim nas quartas-feiras de manhã, assim seis horas, venho a correr numa igreja. Então assisto a missa das seis e meia. Depois volto pra casa. (F3, F, P).

(13) Porque eu assim não há muito diferença, né, só que eu digo que eles me oiçam porque eles brincam pouco, ficam mais em casa, a assistir a novela. (F2, F, A).

Tabela 2: Distribuição da variante da regência do verbo **namorar** no português popular de Luanda:

	Nº de ocorrências/ total	Frequência
Regência não padrão	5/5	100 %

Como pode ser analisado, não houve ocorrência da regência normativa, sendo categórica, nesta comunidade, a regência não padrão. Os exemplos a seguir, extraídos do *corpus*, servem para aclarar os resultados acima:

(14) [...] ah Antonica desde o primeiro dia que eu te vi eu gostei muito de te e eu to afim de **namorar contigo**. Como tá afim de **namorar comigo**? Ser tem, a namorada que você tem ela é mulher, ela é bonita. Ah, Antonica! Eu tou a falar de te. Eu gostei de te, quero falar de te [...]. (F1, F, A).

(15) Então quando cheguei, 74, me apareceu um noivo. Assim que me apareceu o noivo, começamos a namorar. Apresentei nos meus pais. Assim que eu apresentei nos meus pais, pronto daí... Nós, antigamente, **pra você namorar com um homem** era só namorar assim, bocalmente. (F3, F, P).

(16) [...] Eu digo que não é correcta nada, não é correcta mesmo nada. Quer dizer o namoro daqui o namoro do Huambo é muito, muito diferente. Porque o namoro daqui pra pessoa ainda pode **namorar com miúda** enquanto que nem em casa, na casa da miúda nem sabes e nem saberes dizer que a nossa filha esta a andar com o fulano, mas enquanto que ela afinal já conhece que fulano que tá andar com ele [...]. (F2, M, A).

(17) Não, não , não . Eu naquela altura quando eu comecei a **namorar com ela** eu estudava na escola Oliveira Salazar, que é actualmente a escola industrial. Conhece o Macarenco né? (F3, M, P).

4.2. O PC Luandense

Seguem os resultados das ocorrências das regências em estudo no PC falado em Luanda:

Tabela 3: Frequência da variante do verbo **assistir** no português culto

	Nº de ocorrências/ total	Porcentagem
Regência padrão	6/18	33,3%
Regência não padrão	12/18	66,6%

Observa-se que a regência não padrão é a recorrente até mesmo no falar do PC, chegando a 66,6 %, como pode ser averiguado nos exemplos (18) a (28):

(18) Olha, eu nunca fui futebolista, né ... fazer arte marciais, é... gostar só gosto de ver, gosto de **assisti os outros ao praticar**. (F3, M, S).

(19) é... na verdade eu gostava de filme violento, aquele filme que envolvia guerra (guerra) é... são os filmes que me atraía muito, e da questão que me fez do... de Porto, e eu gostava muito de **assisti o boxe**, porque no deste era violento também (!) (F3,M,S).

(20) estamos parados aqui porque estamos a fazer necessidades e viemos **assisti o futebol**, porque era o tempo do mundial de futebol. (F3, M, S).

(21) Já não me recordo muito bem, mas saímos para **assisti uma competição** de futebol, nós assistimos até em casa, né? [...]. (F3, M, S).

(22) É, talvez seria dizer que essa situação com relação a ter vindo mais tarde, porque tudo que estava passando naquele momento, eu quando **assisto filme**, quando alguém aponta a arma e depois o outro começa a levantar as mãos devagar e eu pensava que era ilusão [...]. (F3,M,S).

(23) Mesmo criança, nós pulávamos da janela e tal, e já tínhamos carnaval, já tínhamos carnaval, eu me lembro, porque eu comecei a **assisti o carnaval** na porta do Rangel [...]. (F2, M, S).

(24) Assistio. [...] então **assisto alguns**. (F3, F, S).

(25) Eu gosto muito de **assisti os “magazines”**, os magazines de TV, acabo aprendendo algumas culturas de outros países, é... **assisto também os telejornais**, a Record as vezes, a nossa TPA, telejornal, então[...]. (F3, F,S).

(26) O do Gugu por ser um programa de beneficiência né, porque ele tem ajudado muitas famílias carentiadas então levo a mais **assisti esse tipo de programa**. (F3, F, S).

(27) Sim, **tenho assistido o carnaval**. O carnaval daqui é o carnaval de sempre, não é? (F3, F, S)

(28) Eu acho que sim, por exemplo, estamos a **assisti nos Estados Unidos uma, uma, uma guerra**, uma luta ate interessante entre uma mulher e um homem para, para candidatura do partido democrático Americano [...]. (F3, F, S)

Abaixo, as regências encontradas que atendem à prescrição normativa, isto é, utilizando-se a preposição “a”:

(29) Eu sou um animal de rádio, sou apaixonado por rádio e isso não consigo esconder. É... leio os jornais, semanários, leio revistas especializadas, **assisto à nossa televisão**, infelizmente, a única, apesar de dois canais, mas... leio [...] (F1, M, S).

(30) Assistio. **Assisto a filmes** com boas mensagens [...] (F3, F, S).

(31) Olha, não... não... não tenho assim tempo de pegar no comando da TV, de sentar e **assisti a alguma novela**, mas eu nesse momento, acho que “Mar de Amor” uma novela mexicana, que sempre que chego a casa é a novela que assisto. (F3, F, S).

(32) Não dificulta de maneira alguma. Porque há muitos que os angolanos **assistem a programas brasileiros**, as novelas e não há nenhuma dificuldade em perceber o que eles falam [...](F3, F, S).

(33) Olha, quanto mais evolução, quanto mais globalidade houver né, as pessoas vão se transformando até no seu modo de viver, de pensar e isso acaba influenciando também porque **assistimos à TV**, há exemplos que tiramos de lá negativos e trazemos pra vida real” (F3, F, S).

(34) [...] aceitável, provavelmente nós haveremos **assisti a uma inversão** (F3, F, S)

Vale ressaltar que as ocorrências seguintes não foram incluídas na análise, pois as consideramos dados **duvidosos**, não sabemos se o “a” é artigo exigido pelo substantivo feminino ou é a preposição:

(35) [...] **nós assistimos a mulher que ganhou** nos Chile, claro que são casos ainda muito pontuais, ainda muito remotos, mas que eu acho que ainda que é um direito que elas tem [...] (F3, F, S).

(36) Não obedecem mesmo. Ou sai fora ou saio eu. Lá a coisa é a mesma. Os estudante sai fora, sai... suspender um ou dois dias, três dias, **não assiste as aulas** pra ver se muda o comportamento, mas tá a ser difícil”. (F2, F, S).

(37) Já **assisti a morte** por perto. (F2, M, S).

Tabela 4: Variante da regência do verbo **namorar** na norma culta do PL

	Nº de ocorrências/ total	Porcentagem
Regência padrão	1/4	25%
Regência não padrão	3/4	75 %

Mesmo sendo falantes cultos, a regência preferida é a não prescrita pelas gramáticas:

(38) [...] É, mas agora é diferente, agora é diferente - quando alguém tá pedindo em namoro, é pra fazer sexo com ela; só vai **namorar com ele** durante um mês, dois meses e os jovens estão consciente disto. Que quando um moço lhe aborda pelo caminho, ou em casa dum familiar (familiar), é... quer dizer, o casamento atualmente talvez é para muitos jovens é uma coisa que só é sexo, por acaso. Êpa, eu estava **namorando com ele...** pronto, e agora ele decidiu que vamos nos casar (casare), mas antes êpa, eu vou me casar consigo, por isso que vamos namorar (namorare). As coisas mudaram. (F3, M, S).

(39) Isso é verdade porque antigamente o namoro não existia beijo aquilo era só chegou depois também era por, por meio de carta, fazia-se escrita, **você namorar com uma mulher** tinha que fazer carta, mas hoje é abertamente. (F2, M, S)

(40) Então a coisa complica, então o namoro também se torna algo que já não vem... **namorar alguém**, você pode namorar através de uma... de algo meteriale agora. (F2, M, S).

5. O português falado em Feira de Santana-BA

Para uma caracterização sociolinguística do PB, buscou-se analisar o uso variável das regências dos verbos **assistir** e **namorar** nas vertentes culta e popular das 24 entrevistas, sendo 12 da vertente popular e 12 da culta que compõem o *corpus* do Projeto **A língua portuguesa no semiárido baiano - Fase III**, com a finalidade de fazer um estudo contrastivo entre a variável usada em Luanda-Angola e em Feira de Santana-Ba. Nesse sentido, buscou-se contribuir através do fenômeno estudado, com pesquisas sobre possíveis contribuições africanas na formação sócio-histórica do PB.

Ao que concerne a **namorar**, houve uma escassez de dados, foi encontrada apenas uma ocorrência em ambas as normas. No que se referente à norma culta, foram encontrados os seguintes resultados do verbo **assistir**:

Tabela 5: regência do verbo **assistir** no Português Culto de Feira de Santana-BA

	Nº de ocorrências/ total	Porcentagem
Regência padrão	2/37	5,4%
Regência não padrão	35/37	94,5%

Nota-se que a regência preferida dos falantes cultos de Feira de Santana-BA é a condenada pela Gramática Tradicional (doravante GT). Diante desse resultado, pode-se observar uma semelhança entre o PB e o PL, em relação a este fenômeno. Por uma questão de fidelidade à pesquisa, não foi incluído o seguinte dado, pois o consideramos **duvidoso**, não se dá para distinguir se o “a” é a preposição recomendada pela GT ou é artigo definido:

(41) Eu **assisto as comédias**. (F1, F, S).

Tabela 6: Regência do verbo **assistir** no Português Popular de Feira de Santana-BA

	Nº de ocorrências/ total	Porcentagem
Regência não padrão	20/20	100 %

Como pode ser averiguada, a regência não preconizada pelas gramáticas normativas é categórica no PP feirense, aproximando-se da vertente popular de Luanda. Vale ressaltar que não foi incluída na tabela 06 a ocorrência (41) por ser considerado outro dado **duvidoso**, pois na fala não dá para distinguir se o *a* é artigo exigido pelo substantivo *novela* ou é preposição que está regendo o verbo **assistir**:

(41) [...] Chegando lá ficava **assistindo a novela** (F3, M, P).

6. Considerações finais

Estudos realizados vêm mostrando semelhanças morfossintáticas entre a vertente popular do PL e a do PB (PETTER, 2007, 2009, 2015; TEIXEIRA, 2013). A análise contrastiva realizada neste artigo no intercâmbio sociolinguístico entre o PL e o Português de Feira de Santana-BA, não apenas comprova o que afirmam as autoras, mas demonstram que há uma aproximação muito grande entre as duas vertentes (a culta e a não culta) da amostra de fala de Luanda-Angola, apresentando um grau elevado de não padronização do PL. Nesse sentido, havendo uma aproximação com a variável dos respectivos verbos com o português feirense, sendo este representante do PB.

Diante dos resultados, esta pesquisa mostrou-se relevante e necessária por estudar um fenômeno sobre o qual há poucos estudos a respeito do seu uso no PL, e por meio dos dados, podemos comprovar o que afirmam outros estudos sobre a aproximação do PL e do PB, tendo em vista o contato linguístico entre as duas nações. A partir dos resultados obtidos, essa pesquisa poderá dar uma contribuição significativa para melhor entender a contribuição africana na formação do PB, investigando as possíveis contribuições do contato linguístico para que hoje no Brasil, diferentemente de Portugal e do que é prescrito pelos compêndios gramaticais, falemos **assistir o** e não **assistir ao**.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. A concordância verbal nos contínuos sociolinguísticos do português brasileiro e do luandense. In: *interdisciplinar: revista de estudos em língua e literatura*. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 25-46, 2016.
- BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAKER, Philip. On the origins of the first Mauritians and of the creole languages of their descendants. In: BAKER, Philip; CORNE, Chris. *Isle de France Creole*. Ann Arbor: Karoma, 1982.
- BAXTER, Alan Norman. Transmissão Geracional Irregular na História do Português Brasileiro: divergências nas vertentes afro-brasileiras. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, v. 14, p. 72-90, 1995.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BICKERTON, Derek. The language bioprogram hypothesis. *The behavioural and Brain Sciences*, n. 7, Cambridge University Press, 1984. p. 173-203.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática Português Contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon editora digital, 2007.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). *DELTA*. São Paulo. v.17, n.1, p. 97-132, 2001.
- LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 272-284.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas*. *Papia*, v. 17, p. 9-19, 2007.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Aspectos morfossintáticos comuns ao português angolano, brasileiro e moçambicano*. *Papia*, v. 19, p. 201-220, 2009.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. *Ampliando a investigação do continuum afro-brasileiro de português*. *Papia*, v. 25, n. 2, p. 305-317, 2015.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref> Acesso em 25. out. 2011.

TEIXEIRA, Eliana S. Pitombo. Aspectos da pronominalização do português vernacular de Luanda: uma comparação com o português do Brasil. In: Norma da Silva Lopes; Lígia Pelon da Silva Bulhões; Cristina dos Santos Carvalho.(Org). *Sociolinguística: estudo da variação, da mudança e da sócio-história do português brasileiro*. Feira de Santana: EDUEFS, 2013, p.145-167.

THOMPSON, Edward. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição Paiva e Maria Eugênia L. Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.